

O caso do manuscrito de *The Mad Fiddler* é um dos mais estranhos da história literária. Na primavera de 1917, com cerca de vinte e nove anos, Pessoa, que já escrevera milhares de páginas em verso e em prosa, continua sem ter nenhum livro publicado. O público não conhece dele senão nove poemas, doze ensaios curtos e alguns artigos dispersos por jornais e revistas. Nosso poeta decide subitamente, não sabemos por quê, propor a um editor inglês um livro de poemas ingleses. E, assim, prepara cuidadosamente os versos, que ele mesmo datilografa, de *The Mad Fiddler*, a que dá visivelmente grande importância, dado ser por ele que quer começar. Envia-o à casa editora Constable and Company, de Londres, que iria publicar toda a obra de Katherine Mansfield. Em 6 de junho de 1917 o editor lhe devolve o manuscrito, acompanhado de uma carta de quatro linhas:

“Exmo. Senhor,

Lamentamos informá-lo de que, após termos examinado atentamente os poemas de V. Exa., *The Mad Fiddler* etc., não vemos possibilidade de proceder à respectiva publicação. Assim, vimos devolvê-los a V. Exa., agradecendo desde já ter-nos dado a oportunidade de os examinar.

Sem mais, somos

De V Exa.
Atenciosamente
Constable & Co.”

É tudo. Cai pois por terra o sonho a que o poeta português certamente não renunciara: conseguir ser reconhecido na própria Inglaterra como poeta inglês. Outro que não ele teria insistido, enviando o manuscrito a outros editores, ou, em desespero de causa, publicando-o ele próprio por sua conta em seu país, como fará no ano seguinte com *Antinous*. Mas não. Pessoa é tudo menos teimoso. Diante de um obstáculo, sabe apenas contorná-lo. Assim, enfia o manuscrito de *The Mad Fiddler* na hoje famosa arca, onde se vão empilhando os inéditos. E aí essa obra-prima permanecerá dormindo por três quartos de século. Veremos mais adiante as circunstâncias em que foi exumada e finalmente publicada. Mas note-se desde já que de 1917 até a morte, em 1935, o próprio Pessoa quase nunca se lhe referiria, como se tivesse verdadeiramente decidido esquecer essa obra, de que di-

zia, em projeto de prefácio, que, fosse como fosse, nunca teria mais que meia dúzia de leitores.

The Mad Fiddler é, além de *Mensagem*, a única obra de Pessoa que foi definitivamente acabada e, no final do processo de criação e de composição, culminou em livro. Nem o *Cancioneiro*, nem o *Fausto*, nem o *Livro do Desassossego*, nem os *Poemas* de Caieiro, as *Odes* de Reis e as de *Campos* lhe têm essa condição na obra: trata-se, em cada um destes casos, de massa informe de textos ou versos que só a força de vontade conseguiu transformar no livro que hoje podemos ler. Até as brochuras que ele próprio editou com os *Poemas Ingleses* não são livros propriamente ditos, já que *Antinous* e *Epithalamium*, que deveriam ter constituído um todo com *Pan-Eros* (a vitória e o reino de Eros) e *Anteros* (a derrota de Eros e a vitória do Espírito), apareceram dispersos em tais brochuras. Um livro como *The Mad Fiddler* ou a *Mensagem* é um conjunto de peças ligadas simultaneamente por forte coerência interna e por todo um sistema de simetrias, de rupturas e de continuidades formais, que podem, aliás, conferir sentido à leitura e ao mesmo tempo torná-la mais difícil: um espaço poético excessivamente ordenado pode ser um labirinto.

Como veremos, o princípio da organização da *Mensagem* é ao mesmo tempo heráldico e histórico. O de *The Mad Fiddler* parece-se mais com o que era o fio condutor dos sonetos dos *Passos da Cruz*. Trata-se de um itinerário espiritual, onde os 61 poemas se repartem em oito partes, que formam as estações sucessivas de uma mesma procura da verdade. A criação desses versos escalonou-se ao longo de cerca de doze anos. Há-os de todas as épocas, desde a adolescência até a idade madura. Reconhecem-se a olho nu os temas e os estilos próprios de cada uma: *Anamnese* data da permanência em Durban, a *Canção de Embalar* está diretamente ligada a ela, *Abismo* tem a marca do período que se segue ao regresso a Lisboa, *Os Dedos Dela Brincavam Distraídos com os Anéis* é poema “paulista”, semelhante aos que o autor escrevia em português em 1913. Por sua vez, *Jardim Febril* (*Fever-Garden*), com esse título, composto de duas palavras apostas, a total ausência de pontuação, as metáforas abstratas, data provavelmente do período do *Orpheu*. E *Rei do Vazio*, *Fiat Lux*, assim como o poema inicial e o poema final, são talvez recentes. Seja como for, a composição do livro não terminou senão no fim de 1916